

**Professoras: narrativas de vida sob a influência dos manuais de etiqueta e civilidade
(1950-1970)¹**

**Teachers: narratives of life under the influence of the manuals of etiquette and civility
(1950-1970)**

**Profesores: narrativas de la vida bajo la influencia de los manuales de etiqueta y cortesía
(1950-1970)**

Gláucia da Rosa do Amaral Alves

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7061-6228>

Universidade Franciscana-Santa Maria - RS, Brasil.

E-mail: glauciadoamaral@gmail.com

Elsbeth Léia Spode Becker

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-98671835>

Universidade Franciscana-Santa Maria - RS, Brasil.

E-mail: elsbeth.geo@gmail.com

Recebido: 30/01/2019 | Revisado: 30/01/2019 | Aceito: 05/02/2019 | Publicado: 26/02/2019

Resumo

Este artigo é um recorte da dissertação de mestrado do programa de pós-graduação em Ensino de humanidade e Linguagens – UFN. Portanto, o interesse dessa pesquisa parte da necessidade de (re) pensar as relações de gênero a partir da formação de professoras. Ao trazer essas questões tem-se como intuito compreender o discurso que normatizou, naturalizou e determinou o lugar de homens e mulheres no espaço educacional. Isso permite rever as relações enquanto ser humano e sujeito. Nesse sentido, a pesquisa tem como objetivo apresentar as narrativas das professoras egressa das décadas de 1950 – 1970 a partir do discurso dos etiqueta e civilidade, evidenciando as possíveis influência na formação de professoras. A metodologia se caracteriza por ser de natureza qualitativa a partir do embasamento em referenciais documentais e nas análises das narrativas. “A voz das professoras”. Para coleta de dados foi aplicado um questionário e a técnica utilizada consistiu no método hermenêutico que permitiu relacionar as narrativas com a contextualização social e

¹ Este artigo é parte integrantes da Dissertação de Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens da Universidade Franciscana – UFN e conta com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

histórica entrelaçamento com os manuais de etiqueta e civilidade. Como resultado constatou-se que os manuais de etiqueta e civilidade imprimiram signos considerados indispensáveis a natureza feminina. Diante disso, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – FIC, no período de 1953 a 1979, teve predominância de turmas femininas, e, dessa maneira, observou-se a importância e a necessidade de inúmeros exemplares de manuais na biblioteca da Faculdade. Conclui-se que os manuais influenciaram na escolha bem como no modo de agir das professoras normatizando as relações de poder e gênero no espaço de formação docente.

Palavras-chave: magistério; mulheres; manuais de etiqueta e civilidade.

Abstract

This article is a cut of the master's dissertation of the post-graduate program in Teaching Humanity and Languages - UFN. Therefore, the interest of this research starts from the need to (re) think about gender relations from the teacher training. In bringing these questions we intend to understand the discourse that normalized, naturalized and determined the place of men and women in the educational space. This allows us to review relationships as a human being and subject. In this sense, the research aims to present the narratives of teachers from the 1950s to 1970s from the discourse of etiquette and civility, showing the possible influence on teacher training. The methodology is characterized by being of a qualitative nature based on documental references and narrative analyzes. "The voice of the teachers". For data collection a questionnaire was applied and the technique used consisted of the hermeneutic method that allowed to relate the narratives with the social and historical contextualization interweaving with the manuals of etiquette and civility. As a result it was found that the etiquette and civility manuals printed signs considered indispensable to the feminine nature. Faced with this, the Faculty of Philosophy, Sciences and Letters (FIC), from 1953 to 1979, had a predominance of female classes, and, in this way, the importance and necessity of numerous copies of textbooks in the Faculty's library was observed. It is concluded that the manuals influenced the choice and the way of acting of the teachers, normalizing the relations of power and gender in the space of teacher training.

Keywords: teaching; women; manuals of etiquette and civility.

Resumen

Este artículo es un recorte de la disertación de maestría del programa de postgrado en Enseñanza de humanidad y Lenguajes - UFN. Por lo tanto, el interés de esa investigación parte de la necesidad de (re) pensar las relaciones de género a partir de la formación de

profesoras. Al traer esas cuestiones se tiene como intuición comprender el discurso que normalizó, naturalizó y determinó el lugar de hombres y mujeres en el espacio educativo. Esto permite revisar las relaciones en cuanto ser humano y sujeto. En este sentido, la investigación tiene como objetivo presentar las narrativas de las profesoras egresada de las décadas de 1950 a 1970 a partir del discurso de los etiqueta y civilidad, evidenciando las posibles influencia en la formación de profesoras. La metodología se caracteriza por ser de naturaleza cualitativa a partir del basamento en referenciales documentales y en los análisis de las narrativas. "La voz de las profesoras". Para la recolección de datos se aplicó un cuestionario y la técnica utilizada consistió en el método hermenéutico que permitió relacionar las narrativas con la contextualización social e histórica entrelazado con los manuales de etiqueta y civilidad. Como resultado se contactó que los manuales de etiqueta y civilidad imprimieron signos considerados indispensables a la naturaleza femenina. En el período de 1953 a 1979, predominó la clase femenina, y de esa manera se observó la importancia y la necesidad de numerosos ejemplares de manuales en la biblioteca de la Facultad. Se concluye que los manuales influenciaron en la elección así como en el modo de actuar de las profesoras normalizando las relaciones de poder y género en el espacio de formación docente.

Palabras clave: magisterio; las mujeres; manuales de etiqueta y civilidad.

1. Introdução

Este artigo é um recorte da dissertação de mestrado no programa de pós-graduação Ensino de humanidades e Linguagens da cidade de Santa Maria – RS. Nesta perspectiva, apresentar-se-á parte dos resultados das análises, que contou com professoras egressas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras “Imaculada Conceição” – FIC, atual Universidade Franciscana.

Diante da conjuntura atual em que escola e professores passaram a ser alvo de críticas a representatividade a essa profissão torna-se essencial para o desenvolvimento social, cultural e intelectual da humanidade reforçando a importância de estudos, debates e pesquisas nesse campo. Destaca-se que ao buscar entrelaçar os manuais de etiqueta e civilidade com a formação docente das professoras egressas da Universidade Franciscana se dá pelo fato que a instituição possui um extenso acervo a respeito da temática bem caracterizou-se por ser uma universidade predominantemente feminina, visto que, entre o período de 1957 a 1977 chegou-se ao total de 1939 alunos sendo que, 1606 foram mulheres, e 333 homens. O que leva a

compreender a necessidade do amplo acervo de manuais de etiqueta e civilidade na biblioteca da instituição.

Assim, tal escolha reside no fato de que o presente estudo poderá colaborar nas Humanidades e apresentar contribuições e considerações para o ensino e formação docente. Ao estudar este tema, percebe-se a importância de entender as relações sociais e o lugar da mulher na sociedade. A docência é uma das profissões mais antigas da humanidade, e, pensar a respeito de suas contribuições para a sociedade, abre um leque de possibilidades que começam a partir da compreensão do papel das mulheres no processo de profissionalização até os possíveis encadeamentos na escola, no ensino e na educação.

Mediante isso ao abordar os manuais de etiqueta e civilidade, é importante o entendimento do conceito “etiqueta”, que, de acordo com o dicionário Houaiss (2001, p. 847), significa um “conjunto de normas de conduta, protocolo” e “civilidade” se refere a “tornar-se cortês, civil, bem-educado” (HOUAISS, 2001, p. 476). Nessa perspectiva, entende-se que, tanto na conotação da descrição de etiqueta quanto na de civilidade, há imposição de regra de condutas para sociedade. Essas, prescrições conforme Elias (1939), podem sofrer mudanças ao longo dos séculos, nos quais se alteram os comportamentos dos indivíduos durante o processo social, do controle das emoções, dos gestos, da fala, do modo de se vestir e se portar frente aos outros.

Conforme supracitado, os manuais influenciam a vida social feminina. Contudo, o século XX foi marcado por grandes acontecimentos e avanços científicos em todas as áreas do conhecimento. Em meio a esse cenário, é notável perceber que no mundo da sociedade Ocidental viram-se confrontadas entre o “novo” e o “velho”. Cabia às mulheres o desafio de viver num período constituído pelo moderno, e, ao mesmo tempo, manter as tradicionais concepções frente ao “papel social” destinado a cada um dos gêneros.

Nesse sentido, o corpus da pesquisa contou com seis participantes, que foram escolhidas de forma aleatória, é preciso pontuar que foi feita uma busca no banco de dados da instituição e feito o contato. Como critério de inclusão das entrevistadas foi determinado que as participantes deveriam ter realizado a graduação nas décadas de 1950 a 1970 na Instituição da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras “Imaculada Conceição” – FIC e terem atuado no período mínimo de dois anos em escola pública ou privada. Como critérios de exclusão: professoras que não sejam egressas, e não tenham atuado frente a educandos, ou que estejam com algum problema de saúde (doenças crônicas psicológicas ou outras).

Em relação a escolha das questões do questionário para compor a análise das entrevistas, optou-se pelas falas mais significativas para esse estudo. Neste artigo duas

narrativas das entrevistadas. Desse modo, tem-se como objetivo apresentar a relação dos manuais de etiqueta e civilidade e as possíveis influências na escolha docente e comportamento das professoras.

2. Narrativas das professoras, egressas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras “Imaculada Conceição” – (FIC), nas décadas de 1950 – 1970

A formação docente no Brasil, em nível superior, ocorreu com a criação do curso de Pedagogia, na década de 1930, com a finalidade de profissionalizar os docentes para atuarem no ensino médio e normal. A partir de 1945, período da “redemocratização do país”, a questão da escola pública e a votação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1961) tomaram conta dos debates em torno da educação. A pressão da sociedade para ampliar a oferta de ensino superior tornou-se latente. É nesse contexto que se insere a criação e o funcionamento, em Santa Maria, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras “Imaculada Conceição” – FIC, com os primeiros cursos superior de formação de professores.

A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras “Imaculada Conceição” – FIC foi criada em 19 de dezembro de 1953 e foi autorizada a funcionar em 31 de março de 1955, pelo decreto nº 9.613, assinado pelo então presidente João Café Filho, com os cursos de Pedagogia e Letras Anglo-Germânicas.

Desse modo, pensar a formação de professores no Brasil, a partir da constituição desse campo profissional, remete a compreender como se constituiu o processo de feminização do magistério no Brasil, entrelaçando aos manuais de boas maneiras. Para fazer a relação utilizou-se do questionário respondido pelas seis professoras, analisando se as regras de comportamento propagadas por meio dos materiais influenciaram em sua escolha pela docência, na medida em que a sociedade se transformava. Ressalta-se que, neste artigo apresentara-se duas das seis narrativas. Atenta-se para o fato de que, embora as narrativas pareçam repetitivas, optou-se por manter devido ser um dos propósitos da pesquisa dar visibilidade a mulher-professora. Todavia, retirar qualquer uma das participantes seria repetir a história que silenciou e excluiu as vozes femininas durante séculos.

Desse modo, ao buscar dar visibilidade a historiografia das mulheres que participaram da luta por igualdade feminina e acabam sendo pouco lembradas, denominaremos as participantes com pseudônimo, pois, se entende que assim como estas, a história da mulher-professoras acaba ficando em um segundo plano, por não ser considerada relevante. Esse entendimento vai ao encontro das contribuições da autora Michele Perrot (2005), que

corroborar ao afirmar que trazer a narrativa dos excluídos é possibilitar uma nova perspectiva historiográfica, na qual a presença feminina faz parte das construções sociais, políticas e culturais da sociedade.

A entrevistada nomeada de Júlia em homenagem à Júlia *Lopes de Almeida* (1862 – 1934), foi idealizadora da academia Brasileira de Letras, porém, seu nome foi substituído da relação dos “imortais” pelo nome de seu marido Filinto de Almeida.

E a entrevistada nomeada, Carolina inspirado em Carolina Maria de Jesus (1914 – 1977), mineira e escritora negra, aprendeu a ler e escrever sozinha com os dois livros que catava na rua.

2.1 Voz de Julia

A primeira entrevistada de pseudônimo Júlia possui 79 anos, egressa do curso de Pedagogia, o qual cursou no período de 1955 – 1959. Na narrativa fez questão de salientar que, ao ver a amiga participando do estudo, achou muito interessante. Em suas palavras, frisou que nunca havia imaginado que alguém pudesse querer saber a respeito dos livros que ela leu a vida toda (referindo-se aos manuais), e ainda contribuir para pesquisas. Desse modo, não hesitou em pedir para participar da pesquisa.

Júlia expôs que, na idade em que se encontra, se permite dizer tudo que pensa, afinal, silenciou-se durante muito tempo. Casada por cinquenta anos, ela descreve seu relacionamento com o marido, a necessidade de obediência e os limites impostos em relação às suas escolhas pessoais e profissionais. Relata que não casou por amor, mas por interesses particulares de seu pai, e que, durante muito tempo, guardou uma grande mágoa por não ter a oportunidade de fazer suas próprias escolhas.

Contudo, no que diz respeito ao casamento, enfatiza que, com a chegada dos filhos, surgiu a cumplicidade e os laços se constituíram. Hoje, o que mais admira no mundo é a liberdade que as mulheres possuem, com a qual sempre sonhou, ainda que tenha conquistado, no seu entendimento, tarde demais.

A docência sempre foi sua primeira escolha? Por quê?

Não, eu gostaria de ser advogada, mas meu pai dizia que esta era uma profissão de homens que eu deveria me envergonhar, pois estas eram ideias de mulheres rebeldes. Meus familiares consideravam a profissão docente respeitável, meu pai sempre dizia que essa escolha abriria portas, eu seria respeitada na sociedade (Voz de Júlia, 2018, grifo nosso).

Diante das palavras de Júlia, pôde-se evidenciar que ela pertence a uma família tradicional. Vale lembrar que o período em que se formou é a década de 1950, conhecida, como já supracitada anteriormente, *Anos Dourados*, fase em que a beleza, elegância, moral e bons costumes são amplamente divulgados e difundidos pelos manuais, meios de comunicação e Igreja. Esses são requisitos também para a formação profissional. Assim sendo, deduz-se que estes materiais auxiliaram na construção de feminilidade idealizado pelo imaginário social.

Outro fator relevante é o que apresentam Mattos e Borelli (2012, p. 138) ao afirmarem que “na década de 1950, houve o aumento crescente do número de crianças na escola o que ampliou a necessidade de docentes”. Assim, é possível compreender o desejo do pai de Júlia ao fazer questão que ela cursasse a docência, pois, julgava que o curso de Direito se caracterizava como uma profissão masculina.

Por consequência, ser professora resumia-se na oportunidade de um bom casamento que, se não viesse a se concretizar, seria considerada uma profissão “bonita” e aceitável perante a sociedade, garantido a estabilidade financeira. Essa proposição vai ao encontro de Almeida (2014, p. 350), ao apresentar que essas relações “fundamentavam-se num princípio solidamente alicerçado: as mulheres eram frágeis e deviam ser submissas, mesmo sendo inteligentes e educadas; na sua atuação se edificavam os valores da família e da sociedade”. Sob esse pensamento, é possível afirmar que a família de Júlia teve papel preponderante em sua escolha, tendo em vista que impuseram a docência como uma condição para dar continuidade aos seus estudos.

Nessa perspectiva, quando se refere que a docência abria caminhos e ela seria respeitada pela sociedade, essas percepções partem do ideal de que com instrução resultaria a possibilidade de um bom casamento, e a respeitabilidade. Constitui-se assim, a concepção de que a missão da mulher envolvia o cuidado, logo, auxiliaria na construção da sociedade, algo extremamente digno e de louvor para as famílias. Tal entendimento, parte do princípio da não necessidade do trabalho feminino, em que ao marido cabia o sustendo e conforto familiar.

O que levou você a optar pela docência? Por quê?

*Esse era o desejo de meu pai. Não tive escolha ele pagava meus estudos e me sustentava. Não queria criar um conflito entre ele e minha mãe. Sempre que as coisas não saiam de acordo com o desejo de meu pai, **minha mãe era considerada a culpada**. Essa foi a melhor escolha, sou grata a ele (Voz de Júlia, 2018, grifo nosso).*

É evidente que a docência não foi a escolha de Júlia e que esta foi uma imposição. A organização familiar e as regras estavam sob o controle do pai, chefe da família, o qual se

intende nesse período, como responsável por prover a instrução intelectual e moral. Esse arranjo familiar está voltado a um modelo patriarcal em que o pai e o marido dominavam os filhos (os) e esposas, assim, é possível compreender a necessidade de manter a obediência, pois, a responsabilidade dos atos das filhas (os) recairiam sobre a mãe. Conforme Del Priore (2013, p. 12), a família organizava-se “em torno do grande chefe, pai senhor forte e temido, que impunha a sua lei e ordem nos domínios que lhe pertenciam. Sob essa lei, a mulher tinha de se curvar”.

Mediante essa conjuntura, é possível entender que, se a escolha fosse o curso de Direito, o entendimento de seu pai estava pautado na compreensão de que isso representaria a desnaturalização da imagem desejada de mulher frágil. Por conseguinte, a docência simboliza a oportunidade de reconhecimento social e a manutenção das funções de gênero. Como descrito por Arend (2012, p. 72), “um número significativo de jovens mulheres até os anos 1950 mal conseguia concluir o curso secundário. As que seguiram em frente nos estudos quase sempre optavam pelas carreiras profissionais consideradas femininas”.

Dessa maneira, quando Júlia destaca que é grata por ter escolhido a docência, deduz-se, que essa predileção representou muito além do que a possibilidade de estudo. Nas entrelinhas, pode-se entender que o conhecimento é o que emancipa e empodera as mulheres, no que lhe concerne, ser professora significava a tão sonhada liberdade que muitas desejavam e não possuíam.

Como a profissão de professora era vista pela sociedade? Comente.

Ser professora era lindo, todos diziam que eu tinha vocação, sempre fui muito doce e amável com as pessoas de fato fui ensinada a me portar e falar em público. Minha mãe dizia que nasci para ser professora. Éramos cinco filhas, mamãe sempre falava que seríamos respeitadas e garantiríamos um belo futuro, ela estava certa (Voz de Júlia, 2018, grifo nosso).

É possível reconhecer, na narrativa de Júlia, que os atributos de uma boa professora estavam relacionados à doçura, amabilidade e à vocação. Assim, a polidez tornava-se requisito essencial para o exercício da profissão. Identifica-se que essas representações refletem e interferem no cotidiano das pessoas, pois, serviram como base para a sociedade diferenciar a “boa moça” da dita “leviana”.

Pinsky (2012, p. 470) corrobora, ao afirmar que:

É certo que nem sempre as mulheres se espelharam nas imagens construídas sobre elas. É evidente que os modelos não descrevem a realidade, está muito mais rica e cheia de possibilidades. Entretanto, é importante conhecer as representações que prevalecem em cada época, pois elas têm a capacidade de influenciar os modos de

ser, agir e sentir das pessoas, os espaços que elas ocupam na sociedade e as escolhas de vida que fazem.

Desse modo, outro aspecto a ser considerado é a relação da imagem da professora com a moral, cuja compreensão estava ligada ao “modelo” a ser seguido. Aqui cabe lembrar o leitor (a) que, até 1970, as mulheres da classe média atuavam no mercado de trabalho ainda de forma muito tímida.

Para melhor entendimento a respeito do processo de formação de Júlia pode-se observar o quadro (4), com a grade curricular do curso de Pedagogia.

Quadro 4: Currículo do curso de Pedagogia de 1956.

1ª série	Complementos de Matemática História da Filosofia Sociologia Fundamentos Biológicos da Educação Psicologia Educacional Introdução à teologia
2ª série	Estática educacional História da Educação Fundamentos sociológicos da Educação Psicologia Escolar Teologia Dogmática
3ª série	História da Educação Psicologia Educacional Administração Escolar Educação comparada Teologia Moral Filosofia da Educação
4ª série	Didática Geral Didática Especial da Pedagogia Doutrina Social da Igreja

Fonte: DELLAZZANA, A. R. Z.; SILVEIRA, M. J. M da.; BALD, R. *In: Histórias e memórias dos 50 anos dos cursos de formação de professores do Centro Universitário Franciscano de Santa Maria*, p. 70, 2005.

A partir dos dados apresentados no quadro, nota-se que disciplinas, como Teologia Moral e Doutrina Social da Igreja, fizeram parte da matriz curricular cursada pelas professoras, esses elementos reforçam a ideia de que os manuais de etiqueta e civilidade estiveram presentes também em sua formação. Assim sendo, deduz-se que estes materiais auxiliaram na construção de feminilidade idealizado pelo imaginário coletivo visto que difundiam valores morais e o discurso da Igreja.

Diante do exposto, é possível afirmar que a docência representou, além de uma profissão, um poderoso instrumento de manutenção da moral e comportamento da educação feminina advindas de uma sociedade de classes.

O que a carreira da docência representou em sua vida?

A docência foi a única oportunidade que tive para dar continuidade aos meus estudos, meu pai não iria aceitar outra profissão. Tive a oportunidade de conhecer novas pessoas e ter liberdade (Voz de Júlia, 2018, grifo nosso).

Na narrativa de Júlia, a única forma dela transcender do ambiente familiar se realizaria por meio dos estudos, porém, esse percurso dar-se-ia somente pela docência. Sob essa ótica, é preciso destacar que muitas mulheres entendiam esse caminho como uma forma de conquistar sua independência, seja ela social ou econômica. Nas entrelinhas das respostas de Júlia constata-se que o discurso social a respeito da docência é algo que busca ser intrínseca a natureza feminina, e que ingressar nesse meio é sinônimo de dignidade, portanto, é possível apontar o romantismo em torno da profissão.

Por consequência, ser professora na época de Júlia representava a valorização ideal, permitindo sonhar, ir além do âmbito do lar, o que se tornava orgulho da família adquirindo confiança e integridade.

Conheceu os manuais de Etiqueta e civilidade? O que eles representaram para a sua vida?

Comente:

Conheci. Tínhamos uma biblioteca em casa, mamãe procurava estar sempre atualizada. Eu e minhas irmãs tínhamos que ler tudo. Fiz aula de corte e costura, bordado, canto, etiqueta a mesa, tínhamos professores que vinham em nossa casa. Fiz questão de passar tudo para minhas filhas, hoje, às vezes, penso que exagerei um pouco, pois era muito rígida com elas, quando elas cometiam algum erro, exigia que elas repetissem até acertarem. Minhas duas filhas hoje repassam os mesmos ensinamentos as minhas netas de 6 e 8, as meninas inclusive estão aprendendo a costurar isso ajudará na coordenação motora (Voz de Júlia, 2018, grifo nosso).

A descrição de Júlia expõe alguns elementos que foram discutidos ao longo da análise documental. A entrevistada pertence a uma família abastada, isso fica evidente quando ela comenta que possuíam uma biblioteca em casa, professores particulares e acesso a livros publicados em outro país. Isto posto, reafirma-se que esses materiais se destinavam às mulheres brancas, da elite. Pinsky (2012, p. 482), que descreve:

A moça de “boa família” dos Anos Dourados porta-se corretamente, tem gestos contidos e boas maneiras, mantém-se no “bom caminho”, não abusa de bebidas alcoólicas, não se envolve em conversas picantes nem compreende piadas impróprias; obedece aos pais e se prepara adequadamente para cumprir o destino feminino, desenvolvendo prendas domésticas e guardando as intimidades sexuais para o futuro marido.

Ainda vale ressaltar, que Júlia é natural de Santa Maria – RS, a qual, nesse período, havia a Rede Ferroviária Federal (RFFSA). Embora, a partir dos anos 1950, a viação férrea

estivesse passando por um declínio, a cidade, durante muito tempo, obteve um grande fluxo de estrangeiros, os quais se difundiam a moda e a cultura de outros países. Então, pertencendo a uma família da elite santa-mariense, é possível compreender sua relação com os manuais, as famílias nessa época faziam questão de demonstrar seu poder aquisitivo e suas boas maneiras. Elias (1939), relata que se vestir bem, saber conduzir os gestos, se portar e expressar determinam a classe social a que pertencem.

A etiqueta e as regras de comportamento, como norteadoras do comportamento feminino, são importantes? Comente.

Muito importantes, é o que nos permite viver em sociedade, mas o mundo está mudando, acho que algumas coisas deveriam permanecer como o respeito, a boa educação, a religiosidade, mas é preciso avançar em outros aspectos (Voz de Júlia, 2018, grifo nosso).

É possível evidenciar que, mesmo tendo sua educação voltada a valores tradicionais, sua leitura de mundo é ampla, em sua colocação, percebe-se a ressalva em relação à vida em sociedade, mas também a importância de romper com paradigmas. Embora, perceba-se alguns conflitos de ideias em sua narrativa, atenta-se para o fato de que, regras de comportamento feminino, durante muito tempo, foram o maior entretenimento das mulheres da classe média. Logo eram por meio dos manuais de etiqueta e civilidade, e as revistas femininas, que preponderavam o discurso e os desejos masculinos em relação aos atributos femininos.

Desse modo, Cunha (2005) descreve que “os manuais são em suma, portadores e difusores de uma determinada concepção de mundo e de vida, de crenças e de valores”. Nessa perspectiva, é possível compreender que tais guias de boas maneiras representam para Júlia a difusão de um discurso que consolida a manutenção e organização social.

Como eram as relações no interior do espaço educacional (escola) e quais eram os cargos exercidos pelas mulheres? Comente:

*Um espaço de **muito respeito**, as professoras eram **rígidas** e os alunos respeitavam, trabalhei pouco tempo (Voz de Júlia, 2018, grifo nosso).*

Como as demais entrevistadas, Júlia reforça o entendimento do espaço educacional se constituir como feminino, o qual se caracteriza por ser um local respeitoso e rígido. Nesse sentido, Rabelo (2013), corrobora ao apresentar no que está relacionado à educação infantil e às séries iniciais, a docência masculina não se caracteriza como um campo de escolha, por considerarem a “corpo estranho” nessa área.

Em relação à disciplina Carvalho (1996, p. 2), aponta que o ideal de uma educação mais rígida está voltado à obrigação de “construir mentes e corações disciplinados em corpos

saudáveis, para assim forjar a nacionalidade brasileira”. Dessa maneira, as palavras de Júlia revelam a incorporação de um discurso que associou fortemente à docência com civilidade e boas maneiras.

Se for casada e tiver filhos, comente como foi a conciliação entre a vida profissional e a maternidade / casamento?

Sou viúva, tive cinco filhas, casei com 24 anos, meu pai dizia que eu ia ficar para tia, mamãe fazia novena para Santo Antônio pedindo um marido, quando casei tive que abandonar a escola, meu marido achou melhor, eu não conseguiria dar a devida atenção às crianças, mesmo com auxílio das babás era minha responsabilidade estar por perto, mas eu gostaria de ter continuado, a escola me trazia alegria, liberdade. Mas a vida não é feita de sonhos, temos que fazer o que é certo, minhas filhas precisavam de mim (Voz de Júlia, 2018, grifo nosso).

Diante do exposto, o medo de uma filha solteira preocupava as famílias nesse período, o casamento representava o sucesso e os investimentos na educação feminina. De acordo com Pinsky (2012, p. 490), “solteirona” tornou-se estigma, sinal de fracasso e esquisitice num tempo em que o casamento era garantia da ordem social e o destino dourado de toda mulher”.

Outro fator a ser destacado na citação de Júlia refere-se à independência financeira, algo que assombrava o mundo masculino, um fenômeno que permeava o imaginário das meninas. Segundo Arend (2012, p. 78), embora o casamento permanecesse no sonho feminino e fosse o esboço dos anseios e desejos familiares no que diz respeito “à carreira profissional que implicava autonomia financeira com relação ao pai e ao cônjuge, assumia cada vez maior importância entre as expectativas das meninas”.

Quanto a necessidade de ter que abandonar a profissão, é possível concluir que o modelo de subordinação feminina ainda permanecia. Conforme Pinsky (2012), a felicidade conjugal e a harmonia do lar dependiam da esposa, por consequência era comum a mulher respeitar as condições do marido sem impor exigências, afinal, a criação e educação dos filhos tornou-se um dever.

Ainda do ponto de vista de Pinsky (2012, p. 487), “uma mulher que trabalha (fora) envergonha o marido perante a sociedade, pois, denota sua incapacidade de sustentar sozinho a família”. Em suma, nas palavras de Júlia, percebe-se a influência do discurso propagado nos manuais tanto na escolha da profissão quanto nas relações de subordinação e deveres na vida privada.

**A docência masculina era algo comum? Quais eram as áreas pelas quais os professores optavam?
Comente.**

Não sei se posso afirmar isso, na escola em que trabalhei não existiam homens, era uma escola muito pequena (voz de Júlia, 2018).

A partir da citação de Júlia, deduz-se que, embora, ela não possua uma longa trajetória na docência, o espaço em que ela atuou caracterizou-se pela predominância feminina. Não se possuem elementos para uma análise mais complexa, mas percebe-se, que o papel da professora, nesse período, estava ligado a difundir a moral, disciplina e controle do pudor.

Dessa maneira, é possível compreender a associação dos homens a carreiras voltadas para o técnico e ao científico, e às mulheres, sua ligação ao maternal. Sob essa ótica, Mattos e Borreli (2012, p. 136) “apresentam que gradativamente os homens abdicaram das salas de aula nos níveis mais básicos do ensino, mas mantendo-se em postos de maior prestígio, como direção e inspeção e em funções técnicas e administrativas”.

Consequentemente, supõe-se que a sala de aula se tornou um lugar de mulheres devido à facilidade de ascensão dos homens a cargos de chefia. Outro fator a ser considerado é a preferência dos professores pelas universidades que pode ser entendido como a busca por salários mais altos e diferenciação de gênero, a qual determinava que o ensino básico exigiria mais cuidado, e, o nível superior, uma maior capacidade intelectual. Vale lembrar que na década em que Júlia cursou a graduação, a presença feminina nas Universidades não era expressiva e somente se expandiu a partir de 1960.

2.2 A voz de Carolina

Carolina possui 75 anos, egressa, do curso Regência de Classe no período de 1959 – 1961. Ingressou em sua carreira aos 19 anos, em uma escola do interior do RS, no ano de 1962. Para ela, os professores, em sua época, eram mais comprometidos com a educação “não visava salários, mas compromisso, dando-nos coragem para enfrentar todas as adversidades. Tínhamos metas bem definidas, firmeza nas decisões, força e determinação para priorizar os ideais educativos” (Carolina, 2018).

O período em que Carolina iniciou sua carreira docente foi nos anos de 1960, momento em que no Brasil, o ambiente escolar adquiria novos contornos. As escolas públicas e privadas passavam a ser mistas, e o país vivia um processo de modernização. No entanto, sua formação foi moldada por um ensino positivista e tecnicista em que os esforços do professor deveriam ser em prol do bem-estar social e progresso da sociedade, havendo um controle do espaço educacional e cultura, e a obrigatoriedade de uma educação focada na moral e cívica.

A docência sempre foi sua primeira escolha? Por quê?

O magistério foi minha escolha primeira e única, por ser, na época, muito valorizado o grande sonho de juventude interiorana (Voz de Carolina, 2018).

A narrativa aqui apresentada evidencia que a docência reflete a memória de um tempo em que ser professora significava sinônimo de prestígio social, a maior parte das moças olhava para essa profissão com muito carinho e romantismo. Do mesmo modo, essa foi percebida pela sociedade como um dom e a extensão materna, ou seja, função da mulher. No entanto, conforme Louro (1986), é preciso lembrar que essas mulheres fora vanguarda por trabalhar fora do lar, coisas que poucas faziam.

Nessa perspectiva, deve-se pontuar que, sim, essas ideais foram associadas ao papel das professoras, porém, Almeida (1998, p. 80) corrobora que “à vontade feminina de exercer o magistério também incluiu o potencial da competência exigida para o aprimoramento docente fornecido pela prática e pela experiência”.

Frente a isso, é preciso ressaltar os desafios e as lutas dessas mulheres para dar continuidade aos estudos e conseguir uma profissão. Almeida (1998, p. 78) acrescenta que “a feminização do magistério foi um potencial de poder e de liberação e não de submissão e desvalorização como se tem pretendido fazer acreditar”.

Desse modo, infere-se que ser professora resultou em conquistar o espaço público, em que a profissão docente se reafirmou como preponderantemente feminina. Entrelaçando a narrativa com pesquisas relacionadas à área, conclui-se que esta é uma escolha que se dá de forma muito natural, seja pela acessibilidade de ingressar ou pelo desejo de se profissionalizar.

Em relação ao desejo da docência, deduz-se que essa representação é construída no imaginário de adolescente e constitui como uma construção social resultando de suas interações com o mundo.

O que levou você a optar pela docência? Por quê?

A docência foi meu sonho para estar em contato com os educandos, desenvolvendo experiências, que julgava importantes para o desenvolvimento intelectual dos mesmos. Logo fui convidada para atuar na supervisão escolar, onde permaneci, pela maior parte de minha vida profissional (Voz de Carolina, 2018).

No relato de Carolina, observa-se que o que concerne a profissão docente está relacionada a uma complexidade de estar no espaço educacional, apresentando sua concepção de mundo e seu comprometimento profissional. Nessa linha de raciocínio, conclui-se que, ao se tornar professora, além da realização de um sonho, esta pautada em formar pessoas para cidadania e vida pessoal.

Como a profissão de professora era vista pela sociedade? Comente.

A professora no interior, onde iniciei minha vida profissional, era muito valorizada e o reconhecimento dos pais se fazia a cada momento profissional (voz de Carolina, 2018).

Observa-se que Carolina, não revela as dificuldades encontradas na sua profissão, porém, depreende-se que esta não deva ter acontecido de forma descomplicada. Ser professora no interior até os dias atuais não é uma tarefa simples, não que ensinar seja um processo comum, ao contrário, consta-se que é altamente complexo. No entanto, aqui se refere às condições relacionadas a acesso, estrutura e investimentos, não que nas cidades esses problemas não existissem, todavia, no campo as limitações foram ainda maiores.

Com relação ao reconhecimento profissional dos professores do interior, conforme Almeida (1998), é preciso pontuar que a família em sua maioria era numerosa, e a educação dos filhos foi extremamente rígida, logo as professoras tornavam-se uma extensão familiar, sendo reservados a elas todo respeito e consideração.

Nesse sentido, ao se pensar nas profissões que as moças do interior seguiam nota-se que elas se limitavam, em sua maioria, ao servilismo do lar, trabalho no campo, costura e à docência. Assim, para as meninas do interior, ser professora resultaria em prestígio e *status* social, tanto com a família quanto com a comunidade.

O que a carreira do magistério representou em sua vida?

A carreira do magistério foi a estrada que trilhei dando o meu entusiasmo, disposição de fazer o melhor em prol das tarefas a mim confiadas (Voz de Carolina, 2018).

A narrativa de Carolina e das demais entrevistadas, mesmo que com formação em divergentes décadas e por escolhas diversas em seguir os caminhos da docência, deixam evidente seu comprometimento e respeito com a profissão. Fica claro, que os manuais de etiqueta e civilidade tiveram grande parcela nesse estereótipo que associou a imagem da professora a características como doação e instinto materno, deduzindo-se que de certo modo, esse ideal foi incorporado pela sociedade.

Conheceu os manuais de Etiqueta e civilidade? O que eles representaram para a sua vida?

Comente:

Manuais são sempre importantes pois colaboram para otimização das relações interpessoais. Eles direcionaram o nosso comportamento priorizando metas e critérios (Voz de Carolina, 2018, grifos nosso).

A partir do relato, é possível inferir que os manuais tiveram na base de sua constituição enquanto professora. Cunha (2005) corrobora, ao apresentar que, entre 1930 – 1960, os manuais de civilidade e etiqueta começaram a fazer parte das bibliotecas das escolas, pois, esses materiais foram de suma importância para a formação de professoras e professores, traziam normas de conduta moral e pessoal. Serviam como controladores do que seria considerado aceitável, por conta disso tornavam indispensáveis à formação dos docentes.

Ainda no entendimento de Cunha (2005), esses foram instrumentos essenciais para o fortalecimento do Estado e traduziam o discurso de diversas esferas como: Igreja, médicos, imprensa que buscavam construir uma sociedade pautada na moral e bons costumes, livrando-se da imagem de povo selvagem aos olhos do mundo.

Segundo Colling (2015, p. 36):

As práticas discursivas não são pura e simplesmente modos de fabricação de discursos. Elas tomam corpo, no conjunto das técnicas, das instituições, dos esquemas de comportamento, dos tipos de transmissão e difusão, nas formas pedagógicas que, por sua vez, as impõem e mantêm. As práticas não discursivas são também parte do discurso, à medida que identificam tipos e níveis de discurso, definindo regras que ele de algum modo atualiza. Podemos encarar a arquitetura das escolas, seus portões, o pátio, a distribuição das cadeiras, as atividades do recreio etc., como práticas não discursivas.

Louro (1986) aponta que, pensar a respeito do cotidiano de formação das professoras, é compreender que a escola é por si um ambiente controlador e regulador, na qual todas as ações devem ser pensadas, resultando em fatores produtivos. Assim, a formação se faz por permissões e proibições que são internalizadas e reproduzidas sistematicamente, moldando os indivíduos de acordo com o desejado. Isso posto, conclui-se que as leituras desses materiais influenciaram seu comportamento e postura no ambiente escolar.

A etiqueta e as regras de comportamento, como norteadores do comportamento feminino, são importantes? Comente.

O indivíduo que vive em sociedade deve se harmonizar com etiquetas e apresentar comportamentos condizentes ao meio em que se inclui. Modos dissonantes causam mal-estar e favorecem o isolamento do gerador. Priorizar regras de comportamento produzem resultados altamente positivos (Voz de Carolina, 2018, grifo nosso).

Carolina apresenta, em suma, como se constituiu o processo civilizatório no Brasil, evidenciando que não foi um simples modelo aderido pelas grandes cidades, mas que atingiu todas as partes. É preciso reafirmar que, sim, esse padrão social visa a harmonizar as condutas de sociabilidade, porém, é inegável que, nos discursos propagados por tais materiais, foi

imposta um modelo de feminilidade a partir dos padrões masculinos, definindo o lugar e o papel das mulheres. Como consequência, pode-se deduzir que foram requisitos para a formação docente.

De acordo com Cunha (2005):

Amplamente divulgados no ambiente escolar, os manuais mostraram, com precisão, a sutileza e a agilidade de quem, sendo breve, sabe ser profundo na transparência de transmissão de normas e condutas e valores, na clareza das ideias, na coerência da escrita, na envolvimento de imagens discursivas (às vezes, até visuais) que se tecem em narrativas simples, quase coloquiais. Os manuais contêm mapas para um percurso (materializado em índices por assuntos, páginas numeradas, desenhos ilustrativos, exemplos edificantes) pretendem enraizar-se numa cultura do gesto e do agir e podem valer como preciosos elementos de auxílio da constituição dos indivíduos modernos.

Argumenta-se ainda que Carolina, como pertencia a uma família do interior, sua educação deva ter sido extremamente rigorosa, a disciplina e a vigilância com as meninas eram constantes em prol de zelar pela honra das moças.

Como eram as relações no interior do espaço educacional (escola) e quais eram os cargos exercidos pelas mulheres? Comente:

*As relações nas escolas como regente de classe e supervisora eram tranquilas, de muita camaradagem e colaboração. As **mulheres exerciam todos os cargos disponíveis nas escolas com exceção de zeladores** (voz de Carolina, 2018).*

Para Louro (1986) o espaço que no início foi marginalizado para a mulher, agora tornava-se o maior contingente da escola. Portanto, evidencia-se, que no ambiente educacional, a presença feminina já estava consolidada, e que o acesso das mulheres na profissão docente contribuiu para a conquista de direitos às demais profissões.

Se for casada e tiver filhos, comente como foi a conciliação entre a vida profissional e a maternidade / casamento.

Casada, conciliei a família, trabalho, estudos e pós e problemas advindos das múltiplas atividades, mas enfrentamos com amor, coragem e abnegação (Voz de Carolina, 2018).

Carolina relata a necessidade de conciliar as atividades do lar e da vida profissional, reforçando a ideia de que a manutenção do casamento se tornava uma responsabilidade feminina. Esse entendimento para muitas mulheres esteve ligado ao medo do abandono do marido. Aqui se deve situar o leitor (a) que, no Brasil, o divórcio somente foi aprovado a partir de 1977, até então, a mulher, com muito esforço podiam pedir o desquite, o que foi

considerado uma grande vergonha. Ser separada, representava fracasso, todos os problemas relacionados aos filhos e à separação eram considerados culpa da mulher.

Segundo Bourdieu (2012, p. 156),

[...] com a entrada das mulheres no mercado de trabalho, a fronteira deslocou-se sem se anular, mesmos que ambos passem o dia fora do lar, a responsabilidade da educação dos filhos é de suas responsabilidades. Pois que setores protegidos se constituíram no interior do mundo do trabalho

Além disso, essa dupla jornada acarretou mais responsabilidades, a aceitação desse arranjo familiar se deu em relação às estruturas sociais e ao mercado de trabalho que era preponderante masculino. Esse bojo de arranjos permite compreender como se estrutura o ambiente familiar.

A docência masculina era algo predominantemente comum? Quais eram áreas pelas quais os professores optavam? Comente.

O percentual de homens na docência era menor. Eles optavam quase sempre pela Matemática, Física Química e Educação física. Não havia diferença salarial pelo gênero. As diferenças de salário se davam pelos regimes de trabalho e formação pedagógica (Voz de Carolina, 2018).

Com nas demais vozes analisadas, reafirma-se que a profissão docente é preponderantemente feminina, que as áreas de interesse dos homens estão ligadas às exatas e que os salários estavam de acordo com o grau de formação. Contudo, não seria a escola um lugar de divisão e ocultação de diferenças?

Conforme Almeida (1998) ao se relacionar o dever da mulher com sua formação educativa, deve-se observar que este são projetos políticos do governo a partir de ideais e de uma herança cultural portuguesa que moldou e determinou papéis de homens e mulheres. “Para os portugueses, a responsabilidade feminina nunca deveria transpor as fronteiras do lar, nem ser objeto de trabalho remunerado, o que era defendido em todas as instâncias sociais” (ALMEIDA, 1998, p. 32-33).

Para Chamon (2005), as diversas teorias a respeito da capacidade física das mulheres do Ocidente reforçavam a ideia de que a mulher seria mais propícia para ensinar que os homens devido à paciência, ao amor e à sensibilidade. As contribuições dessas autoras permitem refletir a respeito do cenário educacional no Brasil e concluir que a aculturação e o desejo de se europeizar foram determinantes na organização de hierarquias sociais, as quais vieram definir e moldar as escolhas profissionais masculinas, e conduziram as áreas consideradas mais complexas, apontando lugares de homens e mulheres na sala de aula.

3. Metodologia

A metodologia adotada é de natureza qualitativa como técnica para a análise dos dados utilizou-se da análise hermenêutica toma-se como referência a tríplice mimese proposta por Ricoeur (1989) e Flick (2009). De acordo com Flick (2009), a mimese é a representação das transformações sociais apresentando a compreensão do mundo por meio dos textos, no qual podem ser identificados pelas narrativas, relatos, interpretações por parte do pesquisador e entendimentos realimentados por contextos cotidianos.

Dentro dessa ótica, a mimese pode ser compreendida por três fases: *prefiguração, configuração e refiguração*. De acordo com esses pressupostos, esse é um processo interpretativo, não se limita a identificar as intenções do autor, mas entender a complexidade do texto, propiciando o desenvolvimento do conhecimento intersubjetivo. Nesse sentido, Ricoeur (1989) e Flick (2009) apresentam que a hermenêutica deve ser entendida como um conjunto que reúne três fatores: compreensão, interpretação de textos e explicação

Para a realização das análises foram entrevistadas seis professoras egressas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras “Imaculada Conceição” – FIC atual Universidade Franciscana – Santa Maria – RS, no entanto nesse estudo apresentar-se-á somente duas das narrativas. Nesse sentido, O método utilizado para a coleta dos dados foi uma de entrevista estruturada, em que “trata-se de uma entrevista que se apoia em um questionário fechado, ou seja, todas as perguntas devem ter sido elaboradas previamente sendo vedado ao pesquisador alterar o conteúdo das questões” (JUNIOR, 2011, p. 191). Para o preenchimento do questionário, foram enviados para cada professora um envelope contendo dezoito questões e os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). No entendimento de Junior (2011), as entrevistas estruturadas não exigem o contato direto do entrevistado com o pesquisador.

Como critério de inclusão das entrevistadas foi determinado que as participantes deveriam ter realizado a graduação nas décadas de 1950 a 1970 na Instituição da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras “Imaculada Conceição” – FIC e terem atuado no período mínimo de dois anos em escola pública ou privada. Como critérios de exclusão: professoras que não sejam egressas, e não tenham atuado frente a educandos, ou que estejam com algum problema de saúde (doenças crônicas psicológicas ou outras).

Na quarta etapa foi construído o roteiro da entrevista estruturada. Nessa fase também foi feito o encaminhamento ao Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos (CEP), com parecer favorável. Assim, foram observados os critérios éticos estabelecidos pela RESOLUÇÃO Nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde A partir da deferência deste

conselho foi utilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e o Termo de confidencialidade, que foi assinado pelas professoras participantes.

Na quinta etapa foram aplicados os questionários e, posteriormente, feita a transcrição dos dados e análise.

4. Considerações finais

O propósito do artigo foi comparar o discurso dos manuais com as narrativas das professoras entrevistadas. Diante do exposto, pôde-se observar que a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Imaculada Conceição. E, nesse sentido, observou-se a importância e a permanência de inúmeros exemplares de manuais na biblioteca da instituição, afinal esses eram considerados requisitos obrigatórios para a educação das mulheres.

Mediante isso, pôde-se inferir que o discurso propagado serviu para reforçar e determinar o lugar feminino na sociedade. Com isso, foi possível perceber que os manuais influenciaram na escolha da profissão docente feminina e imprimiram um padrão ideal de professora, assim como foram determinantes para constituição do modelo escolar que, por sua vez, determinou regras e hierarquias. Contudo, não se pode deixar de considerar as contribuições e as conquistas dessas mulheres que marcaram seu tempo e abriram caminho para outras ocupassem esse espaço.

Referências

Almeida, J. S. (1998). *De mulher e educação: a paixão pelo possível*. 2 ed. São Paulo: UNESP.

Almeida, J. S. (2014). Mulheres na educação; missão, vocação e destino? A feminização do magistério ao longo do século XX. In: Dermival, S.; Almeida, J de S.; Valdemarin, V. T.; Souza, R. F de. *O legado educacional do século XX no Brasil*. 3 ed. Campinas: Autores Associados.

Arend, S. F. (2012). Trabalho, escola, lazer. In: Pinsky, C. B.; Pedro, J. M. *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto.

Bourdieu, P. (2012). *A dominação masculina*. Tradução Maria Helena Pierre Kühner, 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Carvalho. M. P de. (1996). Trabalho docente e relações de gênero: algumas indagações. *Revista Brasileira de Educação* (02), 77-88 Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277059975_Trabalho_docente_e_relacoes_de_genero_alguas_indagacoes.

Colling. A. M. (2015). Inquietações sobre educação e gênero. *Revista Trilhas da História*. Três Lagoas, 4 (8), 33-48. Disponível em: http://seer.ufms.br/index.php/RevTH/article/viewFile/687/pdf_71.

Cunha, M. T. S. (2005). História, Educação e Civilidades: a correspondência como um saber escolar na Escola Normal entre as décadas de 1930 a 1960. *Revista Educação* (UFMS). 30 (2), 122-138. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/3742>.

Del Priori, M. (2013). *Histórias e Conversas de Mulher*. 1 ed. São Paulo: Planeta do Brasil.

Dellazzana, A. R. Z.; Silveira, M. J. M da; Bald, R. (2005). O curso de pedagogia e a formação de professores no Centro Universitário Franciscano de Santa Maria: Uma trajetória de 1955. In: Quadros, C. (org.). *História e memória dos 50 anos dos cursos de formação de professoras do Centro Universitário Franciscano de Santa Maria*. Santa Maria: Unifra.

Elias, N. (1939). *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Tradução Jugmann Ruy, Rio de Janeiro: Zahar.

Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa Qualitativa*. 3 ed. Porto Alegre: Artmed.

Houaiss, A. (2001). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.

Junior, O. S. (2011). Técnica de entrevista e sua aplicação em pesquisa científica. In: Toledo, C de A. A; Gonzaga, M.T.C (org.). *Metodologia e técnica de pesquisa: nas áreas de Ciências humanas*. Maringá: Eduem.

Louro, G. L. (1986). *Prendas e antiprendas: uma história da educação feminina no Rio Grande do Sul*. Tese de doutorado Universidade Estadual de Campinas-Unicamp, p. 273. São Paulo. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/252830>>.

Mattos, M. I.; Boreli, A. (2012). Espaço feminino no mercado produtivo. In: Pinsky, C. B.; Pedro, J. M. (org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto.

Pinsky, C. B. (2012). A era dos modelos rígidos. In: Pinsky, C. B.; Pedro, J (org.). *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto.

Rabelo, A. (2013). Professores discriminados: um estudo sobre os docentes do sexo masculino nas séries do ensino fundamental. *Educ. Pesqui.* 39 (4), 906-925, São Paulo. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022013000400006>.

Ricouer, P. (1989). O que é um texto? In: Ricouer, P. *Do texto à ação Ensaios de Hermenêutica II*. Porto, Portugal: RÉ S Editora.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Gláucia da Rosa do Amaral Alves - 50%

Elsbeth Léia Spode Becker - 50%